CENTRO EDUCACIONAL DE ENSINO SUPERIOR DE PATOS

FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS CAMPINA GRANDE

CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

DANIELLE ROCHA BERNARDINO

A DISSOLUÇÃO DO EU: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE AS MUDANÇAS NA FEMINILIDADE APÓS O CASAMENTO

CAMPINA GRANDE – PB

2026

DANIELLE ROCHA BERNARDINO

A DISSOLUÇÃO DO EU: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE AS MUDANÇAS NA FEMINILIDADE APÓS O CASAMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia pelas Faculdades Integrada de Patos – FIP - CG.

Orientador (a): Anna Karenyna G. de M. Lima

CAMPINA GRANDE – PB

2026

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados de Acordo com AACR2, CDU e CUTTER
Biblioteca Central - UNIFIP

Bernardino, Danielle Rocha.
B432d A dissolução do eu: uma revisão bibliográfica sobre as mudanças na feminilidade após o casamento./ Danielle Rocha Bernardino.- Campina Grande - PB: UNIFIP-CG, 2026.
20 fls.

Orientador(a): Profª. Me. Anna Karenyna G. de M. Lima
Artigo - Graduação, Bacharelado em Psicologia Centro Universitário de Patos – UNIFIP – CG

1 .Identidade feminina. 2. Casamento. 3. Gênero. 4. Dissolução do Eu. I. Título. II. UNIFIP-CG

UNIFIP/BC CDU: 159.9
Francisco C. Leite – Bibliotecário. CRB 15/0076

DANIELLE ROCHA BERNARDINO

A DISSOLUÇÃO DO EU: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE AS MUDANÇAS NA FEMINILIDADE APÓS O CASAMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário UNIFIP CG.

Orientador(a): Anna Karenyna G. de M. Lima

Conceito: Aprovado Data: 28/05/2026

Anna Karenyna G de M Lima

Anna Karenyna G. de M. Lima

Juliana Fonsêca de Almeida Gama

Dra. Juliana Fonsêca de Almeida Gama

Esp. Thiago da Silva Fernandes

CAMPINA GRANDE – PB

2026

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, Arilda, inspiração para cada uma destas linhas. Através de sua história, vivenciei e reconheci situações paralelas durante quatro décadas; dinâmicas que eu habitava inconscientemente sem compreender. Hoje, com a percepção desse sofrimento psíquico, não há espaço para culpas, mas para o acolhimento do seu processo de vida. Agradeço profundamente por sua existência e por ter me dado o seu melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder a força, a resiliência e a sabedoria necessárias para superar cada desafio ao longo desta jornada acadêmica.

Agradeço a mim mesma por cada noite de sono sacrificada, por cada linha lida quando o corpo pedia descanso e, acima de tudo, pela coragem de assumir o papel de aprendiz mais uma vez. Essa nova graduação não é apenas um título; é a prova viva de que nunca é tarde para abraçar o próprio propósito e reescrever o futuro. Eu consegui.

Às minha filhas Eva Caroline, Letícia e Marina, base de tudo em minha vida, pelo apoio incondicional, pela paciência nos momentos de ausência e por acreditarem no meu potencial mesmo quando as noites de sono foram curtas. Este título também é de vocês.Aos meus pais Assis e Arilda por todo o apoio.

Aos professores que não apenas transmitiram conteúdos teóricos, mas despertaram em mim o amor pela profissão e o respeito pela ética e pela prática profissional.

Um agradecimento especial a Thiago Fernandes, Juliana Gama , Edgley, Pamela, Jakson Luiz e Anna Karenya, cujo incentivo e palavras de encorajamento nos momentos de maior cansaço foram o combustível que eu precisava para continuar.

Aos meus amigos e colegas de turma, com quem partilhei angústias, cafés, debates e, acima de tudo, o sonho de concluir esta etapa. A convivência e a troca de experiências tornaram essa caminhada muito mais leve e significativa.Obrigada Sthefanny, Monica, Nicole , Nicolas e Laís.

EPÍGRAFE

“Não se nasce mulher, torna-se mulher.”
Simone de Beauvoir

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo compreender as transformações na identidade feminina após o casamento, com foco no fenômeno da dissolução do eu. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, de caráter exploratório e interpretativo, a partir da análise de livros, artigos científicos e produções acadêmicas selecionadas em bases como SciELO, PePSIC e Google Acadêmico. Os critérios de inclusão envolveram a relevância teórica, a atualidade e a contribuição das obras para a compreensão da subjetividade feminina no contexto conjugal. Os resultados indicaram que, embora avanços sociais e legais tenham ampliado a autonomia das mulheres, persistem dinâmicas conjugais que reforçam papéis tradicionais e favorecem a anulação da subjetividade feminina. A análise revelou que muitas mulheres experienciam sobrecarga emocional, dependência afetiva e redefinição de si mesmas em função do parceiro, aspectos que contribuem para o enfraquecimento da individualidade. A discussão evidencia que tais processos não devem ser compreendidos apenas no nível individual, mas como reflexo de normas sociais, culturais e históricas que naturalizam desigualdades de gênero e moldam a identidade feminina no casamento. Conclui-se que a dissolução do eu, nesse contexto, representa um fenômeno relacional e estrutural, cuja compreensão pode subsidiar práticas clínicas, políticas públicas e reflexões sociais voltadas à valorização da autonomia e da subjetividade da mulher casada.

Palavras-chave: Identidade feminina. Casamento. Gênero. Dissolução do Eu.

ABSTRACT

This study aims to understand the transformations in female identity after marriage, focusing on the phenomenon of the dissolution of the self. To this end, a qualitative bibliographic research was conducted, of an exploratory and interpretative nature, based on the analysis of books, scientific articles, and academic productions selected from databases such as SciELO, PePSIC, and Google Scholar. The inclusion criteria involved theoretical relevance, current relevance, and the contribution of the works to the understanding of female subjectivity in the marital context. The results indicated that, although social and legal advances have increased women's autonomy, marital dynamics persist that reinforce traditional roles and favor the nullification of female subjectivity. The analysis revealed that many women experience emotional overload, affective dependence, and redefinition of themselves in relation to their partner, aspects that contribute to the weakening of individuality. The discussion shows that such processes should not be understood only at the individual level, but as a reflection of social, cultural, and historical norms that naturalize gender inequalities and shape female identity in marriage. It is concluded that the dissolution of the self, in this context, represents a relational and structural phenomenon, the understanding of which can support clinical practices, public policies, and social reflections aimed at valuing the autonomy and subjectivity of married women.

Keywords: Female identity. Marriage. Gender. Dissolution of the Self.

SUMÁRIO

1 Introdução.....10

2 Método.....11

3 Resultados e Discussões.....12

3.1 Feminilidade e Gênero.....12

3.2 O casamento e os papéis de gênero.....13

3.3 Dependência emocional.....14

3.4 A anulação do eu a partir do outro.....15

4 Cosiderações finais.....16

Referências.....18

1. Introdução

Desde os tempos mais remotos, o casamento tem sido uma instituição social carregada de significados culturais, morais e religiosos. Ao longo da história, o papel da mulher dentro dessa instituição sofreu transformações significativas, mas ainda permanece, em muitos contextos, subordinado a expectativas tradicionais que moldam sua identidade. Na antiguidade e durante a Idade Média, por exemplo, o casamento era, em grande parte, uma transação social e econômica, onde a mulher era vista como propriedade do pai até ser transferida para o marido. Essa lógica patriarcal perpetuou um lugar de subalternidade feminina, restringindo sua autonomia e seu direito à individualidade (Badinter, 1985; Beauvoir, 2009).

No século XIX e início do século XX, com o surgimento de movimentos feministas e a ampliação dos direitos civis das mulheres, o papel feminino no casamento começou a ser questionado. No entanto, mesmo com avanços legais e sociais, muitas mulheres continuam enfrentando desafios relacionados à preservação de sua identidade após o matrimônio. As funções atribuídas a elas; como a de cuidadora, mantenedora do lar, responsável pelas emoções da família; podem resultar em uma sobrecarga emocional e psicológica que impacta diretamente sua autoimagem (Hirata, 2002; Saffioti, 1976).

Nesse contexto, ao assumirem papéis moldados por séculos de construção social, muitas mulheres experienciam uma ruptura entre o "eu" pré-matrimonial e o "eu" conjugal, o que pode gerar uma sensação de dissolução da própria subjetividade. Isso porque, a internalização de expectativas sociais, aliada à busca por atender às demandas do parceiro e da instituição familiar, pode fazer com que o desejo pessoal se apague, dando lugar a um "eu" moldado a partir do outro (Gilligan, 1982; Collins, 2000).

Diante disso, o presente trabalho propõe uma revisão bibliográfica das transformações na identidade feminina após o casamento, com foco na ideia de dissolução do eu. Trata-se de um tema relevante por tocar em questões de gênero, subjetividade e autonomia, que ainda são pouco exploradas sob a perspectiva da mulher casada. Assim, como essas mudanças se

manifestam e quais fatores contribuem para elas é fundamental para pensar políticas públicas, práticas clínicas e transformações sociais mais inclusivas e equitativas para as mulheres.

Partindo dessa problemática, o estudo tem como propósito compreender as transformações da identidade feminina após o casamento, analisando os papéis de gênero socialmente atribuídos às mulheres, investigando a influência da dependência emocional nas relações afetivas e discutindo os processos de anulação da subjetividade feminina que podem emergir no contexto conjugal.

Além desta introdução, o trabalho está organizado em seções que contemplam o referencial teórico, a metodologia utilizada para a realização da pesquisa e as considerações finais, nas quais serão discutidas as principais reflexões e contribuições do estudo.

2. Método

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, com abordagem exploratória e interpretativa. O objetivo é compreender, por meio da análise de produções acadêmicas, livros teóricos e artigos científicos, as transformações na identidade feminina após o casamento, enfocando o conceito de dissolução do eu.

A revisão bibliográfica foi realizada a partir da seleção de fontes relevantes para os eixos temáticos propostos: feminilidade e gênero, casamento e papéis de gênero, dependência emocional e anulação do eu. Foram consultadas obras clássicas e contemporâneas de referência, entre elas *O segundo sexo: a experiência vivida* (Beauvoir, 2009) e *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (Butler, 2003), além de artigos acadêmicos indexados nas bases SciELO, PePSIC e Google Acadêmico. Os critérios de seleção envolveram a atualidade das publicações, relevância teórica para os temas abordados, e a contribuição para a compreensão da identidade feminina em contextos conjugais.

A análise do material foi realizada de forma analítico-interpretativa, considerando os

aspectos sociais, simbólicos e subjetivos discutidos nas obras. Foram identificados padrões, discursos recorrentes e tensionamentos teóricos que contribuem para a compreensão da identidade feminina como uma construção relacional e, muitas vezes, vulnerável à dissolução no contexto do casamento.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, não há aplicação de instrumentos quantitativos nem coleta de dados empíricos com sujeitos. O foco é a produção de conhecimento a partir da sistematização e interpretação crítica de autores relevantes para o campo dos estudos de gênero, feminismo e subjetividade feminina.

3. Resultados e Discussões

3.1 Feminilidade e Gênero

A feminilidade, longe de ser uma essência natural ou biológica, é uma construção social e histórica moldada por discursos culturais, instituições e relações de poder. A partir da perspectiva dos estudos de gênero, entende-se que o "ser mulher" não é um dado fixo, mas uma identidade produzida e reproduzida por meio de normas e expectativas sociais (Scott, 1991; Butler, 1990).

Nesse contexto, Judith Butler, em sua obra *Gender Trouble*, - “Problemas de Gênero” (1990), introduz a ideia de performatividade de gênero, segundo a qual os papéis atribuídos a homens e mulheres não são naturais, mas continuamente reiterados através de práticas sociais. Assim, a feminilidade seria o resultado de atos repetidos que consolidam a identidade feminina de acordo com os padrões estabelecidos. Esses padrões incluem comportamentos como a docilidade, a empatia, o cuidado e a submissão; características historicamente valorizadas no universo feminino, especialmente no contexto matrimonial.

Nessa mesma linha de raciocínio, a construção da feminilidade está intimamente ligada ao ideal de mulher como "para o outro", conceito trabalhado por Simone de Beauvoir (2009),

que afirma que a mulher foi historicamente definida em relação ao homem, como seu "segundo sexo". Nesse sentido, o feminino é, muitas vezes, moldado para atender às necessidades e desejos masculinos, resultando em um processo de alienação da mulher em relação a si mesma.

Ainda, segundo estudiosas como Louro (1997), a feminilidade é ensinada desde a infância, por meio da educação, da mídia, da religião e de práticas cotidianas que reforçam uma diferenciação de papéis entre os gêneros. Essa feminilidade construída socialmente prepara a mulher para ocupar um lugar específico nas relações, especialmente no casamento, onde se espera dela uma postura de entrega, abnegação e cuidado.

Portanto, compreender o feminino como uma construção social é essencial para analisar como o casamento pode afetar a identidade da mulher. Afinal, ao internalizar modelos tradicionais de feminilidade, muitas mulheres podem acabar anulando aspectos de sua subjetividade para corresponder ao ideal do que se espera delas como esposas, o que contribui para o fenômeno de dissolução do eu.

3.2 O casamento e os papéis de gênero

O casamento, enquanto instituição social, tem historicamente desempenhado um papel central na construção e manutenção dos papéis de gênero. Tradicionalmente, atribui-se à mulher a responsabilidade pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos, enquanto ao homem cabe o papel de provedor financeiro. Essa divisão de responsabilidades, embora tenha sido desafiada ao longo do tempo, ainda persiste em muitos contextos contemporâneos.

Nesse sentido, segundo Figueiredo e Diniz (2018), mesmo com o avanço das mulheres no mercado de trabalho, elas continuam a enfrentar a sobrecarga de responsabilidades, acumulando funções profissionais e domésticas, com uma dupla jornada que evidencia a persistência de uma estrutura que naturaliza a desigualdade de gênero no âmbito conjugal.

Corroborando essa perspectiva, a filósofa Susan Moller Okin (2006) argumenta que o

casamento pode expor as mulheres a ciclos de vulnerabilidade socialmente construídos, nos quais as expectativas de dedicação exclusiva à família limitam suas oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional. Essa dinâmica reforça a dependência econômica e emocional das mulheres em relação aos seus parceiros, perpetuando a desigualdade de gênero.

Além disso, a cultura patriarcal influencia as relações conjugais, atribuindo à mulher o papel de cuidadora e ao homem o de autoridade. Essa estrutura hierárquica é reforçada por normas sociais e religiosas que valorizam a submissão feminina e a liderança masculina no casamento (Paiva & Silva, 2020).

Sendo assim, a compreensão dos papéis de gênero no casamento é essencial para analisar as transformações na identidade feminina após a união conjugal. A persistência de estruturas desiguais evidencia a necessidade de questionar e reconfigurar as normas que regem as relações de gênero no contexto matrimonial.

Dessa forma, os papéis de gênero construídos e reproduzidos no contexto conjugal não produzem apenas desigualdades materiais e sociais, mas também repercussões subjetivas significativas. Ao serem constantemente incentivadas a priorizar as necessidades do parceiro e da família em detrimento das próprias, muitas mulheres podem desenvolver vínculos marcados pela dependência afetiva e pela dificuldade de sustentar uma identidade autônoma. Nesse sentido, torna-se fundamental compreender como a dependência emocional se articula às dinâmicas conjugais e aos processos de construção da identidade feminina.

3.3 Dependência emocional

A dependência emocional é um fenômeno psicológico e relacional que se manifesta quando uma pessoa estrutura sua identidade, autoestima e bem-estar exclusivamente a partir do outro. No contexto do casamento, essa dependência muitas vezes se apresenta na forma de vínculos afetivos assimétricos, nos quais a mulher é levada a renunciar à própria subjetividade

em nome da manutenção da relação.

Nessa perspectiva, segundo Norwood (1993), mulheres que vivem relações afetivas marcadas por dependência tendem a justificar comportamentos abusivos, negligenciam suas necessidades emocionais e sentem medo de estarem sozinhas. Essa dinâmica não apenas compromete sua autonomia, como também alimenta um ciclo de autossacrifício que pode culminar em sofrimento psíquico e perda da identidade individual.

Ademais, Heleieth Saffioti (2004) aponta que a socialização das mulheres, desde a infância, as prepara para o cuidado, a entrega e a renúncia. Elas são ensinadas a valorizar o amor e a afetividade como elementos centrais de sua realização pessoal, o que frequentemente contribui para o desenvolvimento de relações afetivas dependentes. O casamento, nesse contexto, torna-se não apenas um contrato social, mas um campo onde se atualizam essas expectativas emocionais e de gênero.

Além disso, Illouz (2011) argumenta que o amor romântico é construído socialmente como uma experiência de entrega total, principalmente para as mulheres. Essa narrativa cultural reforça a ideia de que o sucesso afetivo depende da capacidade feminina de se doar completamente ao outro, anulando desejos próprios e priorizando o bem-estar do parceiro.

Assim, essa dependência emocional não é fruto apenas de escolhas individuais, mas de um sistema simbólico que valoriza a mulher abnegada, tolerante e resiliente nas relações afetivas. Tal sistema opera como um mecanismo de controle subjetivo, mantendo as mulheres em vínculos afetivos assimétricos que fragilizam sua autonomia emocional e identidade pessoal.

3.4 A anulação do eu a partir do outro

A anulação do eu no contexto conjugal é um processo psicológico e simbólico que envolve a renúncia gradual da própria subjetividade em prol da manutenção do vínculo afetivo.

Muitas mulheres, ao ingressarem em relações matrimoniais, passam a reorganizar sua identidade, desejos e rotinas de acordo com as necessidades e expectativas do parceiro e da estrutura familiar. Embora essa entrega seja frequentemente naturalizada como parte do "papel feminino", ela pode produzir efeitos profundos na constituição do eu.

Nessa perspectiva, segundo Simone de Beauvoir (2009), a mulher é historicamente construída como o "Outro"[1] em relação ao homem, o sujeito universal. No casamento, essa condição é intensificada, pois é socialmente esperado que a mulher abdique de sua individualidade para ocupar o papel de esposa e mãe. Nesse processo, em alguns casos, ela deixa de existir por si mesma para existir em função do outro, sendo reconhecida socialmente apenas através da sua relação com o marido. Esse movimento leva à dissolução de sua autonomia e de seu sentido de identidade própria.

Ampliando essa discussão, Carol Gilligan (1982) amplia essa reflexão ao discutir a "ética do cuidado" como central na identidade moral feminina. Embora o cuidado seja uma virtude, quando direcionado exclusivamente ao outro, sem equilíbrio com o cuidado de si, pode gerar um esvaziamento emocional, a mulher passa a tomar decisões baseadas na preservação da relação, mesmo quando isso implica silenciar suas vontades, desconfortos e sonhos. Essa dinâmica contribui para um tipo de invisibilização emocional e subjetiva que caracteriza a anulação do eu.

Adicionalmente, Eva Illouz (2012), ao analisar as estruturas do amor romântico sob a lógica do capitalismo afetivo, argumenta que as mulheres são especialmente condicionadas a investirem emocionalmente de forma total nas relações. Elas são ensinadas a acreditar que o amor exige sacrifício, renúncia e resiliência, o que reforça padrões de sofrimento afetivo aceito

[1] Beauvoir utiliza o termo "Outro", com inicial maiúscula, para designar uma categoria filosófica derivada da tradição existencialista e fenomenológica. Em sua análise, o homem é historicamente constituído como o sujeito universal, o padrão de referência da humanidade, enquanto a mulher é definida em relação a ele, ocupando a posição de "Outro". Dessa forma, a mulher não é reconhecida como sujeito autônomo e independente, mas como um ser cuja identidade é construída a partir da alteridade e da subordinação ao masculino (BEAUVOIR, 2009).

ou até mesmo glorificado. Essa entrega contínua em nome do amor, muitas vezes, impede que a mulher reconheça seus próprios limites, desejos e individualidade.

Por fim, esse processo de apagamento é silencioso, e muitas vezes legitimado por discursos sociais e religiosos que exaltam a mulher "virtuosa" e "abenegada". Como observam Figueiredo e Diniz (2018), a identidade feminina, especialmente no casamento, é frequentemente moldada por ideais externos e não por um exercício genuíno de subjetividade. Isso revela o caráter relacional e estrutural da anulação do eu: não é apenas uma escolha individual, mas o resultado de condicionamentos sociais que ensinam a mulher a ser para o outro antes de ser para si.

Dessa maneira, a anulação do eu não deve ser vista apenas como um colapso psíquico individual, mas como um fenômeno social que nasce de normas de gênero internalizadas. Compreender esse processo é essencial para desnaturalizar práticas cotidianas que parecem "normais" ou "amorosas", mas que contribuem para o silenciamento da subjetividade feminina dentro da estrutura conjugal.

4. Considerações Finais

Este trabalho buscou compreender como o casamento pode repercutir na identidade feminina, especialmente diante do processo de dissolução do eu. A partir da revisão bibliográfica realizada, foi possível perceber que, mesmo diante de avanços sociais e conquistas de direitos, muitas mulheres ainda vivenciam no matrimônio um espaço em que sua subjetividade é tensionada por expectativas tradicionais. O estudo evidenciou que a sobrecarga emocional, a dependência afetiva e a redefinição da identidade em função do outro permanecem como marcas significativas da experiência conjugal em diferentes contextos.

Ao reunir e interpretar produções teóricas sobre o tema, este trabalho contribui para ampliar a discussão sobre como estruturas sociais, culturais e históricas ainda influenciam a

forma como a mulher se reconhece dentro do casamento. Essa contribuição se mostra relevante não apenas no campo acadêmico, mas também para reflexões que podem orientar práticas clínicas e políticas públicas voltadas à valorização da autonomia feminina.

Entretanto, é importante reconhecer que esta pesquisa se limitou ao campo bibliográfico, sem trazer relatos empíricos ou análises de casos concretos. Tal delimitação restringe a generalização dos resultados, mas também abre caminho para futuras investigações que articulem teoria e experiência vivida, possibilitando um olhar mais aprofundado sobre as diferentes formas como as mulheres elaboram sua identidade após o matrimônio. Estudos futuros que dialoguem com a prática clínica, que explorem variáveis socioculturais diversas ou que deem voz às próprias mulheres poderão também enriquecer a compreensão desse fenômeno e oferecer subsídios para a construção de relações conjugais mais igualitárias.

Referências Bibliográficas

Badinter, E. (1985). Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Beauvoir, S. de. (2009). O segundo sexo. São Paulo: Nova Fronteira.

Beauvoir, S. de. (2009). O segundo sexo: A experiência vivida (Vol. 2). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Butler, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Carvalho, F. C. G., & Paiva, M. L. S. C. (2010). O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento. Boletim de Psicologia, 59(131), 223–235.

Collins, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

Figueiredo, M. G. de, & Diniz, G. R. S. (2018). Mulheres, casamento e carreira: um olhar sob a perspectiva sistêmica feminista. Nova Perspectiva Sistêmica, 27(60), 100–119.

Gilligan, C. (1982). In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development. Cambridge: Harvard University Press. (Capítulos traduzidos em coletâneas no Brasil)

Hirata, H. (2002). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cadernos de Pesquisa, (117), 37–52.

Illouz, E. (2011). O amor nos tempos do capital. Zahar.

Illouz, E. (2012). Por que o amor dói: Uma explicação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar.

Louro, G. L. (1997). Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes.

Norwood, R. (1993). Mulheres que amam demais: Quando você continua a desejar e esperar que ele mude. Editora Objetiva.

Okin, S. M. (2006). Gênero e família em uma sociedade justa: adesão e crítica à imparcialidade

no debate contemporâneo sobre justiça. Revista Sociedade e Estado, 21(1), 135–160.

Paiva, R. E. de, & Silva, M. E. F. da. (2020). Patriarcado, gênero como instrumento de categorização dos papéis masculinos e femininos na sociedade e o fenômeno do teto de vidro: uma abordagem teórica para a emancipação feminina. Revista de Direito - Trabalho, Sociedade e Cidadania, 1(1), 1–20.

Saffioti, H. I. B. (1976). A mulher na sociedade de classe: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular.

Saffioti, H. I. B. (2004). Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Scott, J. W. (1991). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, 16(2), 5–22.